
FORMAÇÃO CONTINUADA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR À VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL

CONTINUING TRAINING: STRATEGIES FOR FACING THE SCHOOL ENVIRONMENT TO CHILD VIOLENCE

Marianne Lira de Oliveira

Mestra em saúde e comunidade (UFPI)
E-mail: marianne-lira.15@hotmail.com

Káren Maria Rodrigues da Costa

Mestranda em saúde e comunidade (UFPI)
E-mail: karen.r.costa@hotmail.com

Cássio Eduardo Soares Miranda

Doutor em Linguística (UFMG) e Doutor em Psicologia (UFRJ).
Professor da UFPI.
E-mail: cassioedu@edu.ufpi.br

RESUMO

Introdução: A escola é o espaço onde se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem e é tido como contexto de proteção, mas também é nele que as crianças e adolescentes tendem a reproduzir os atos violentos que vivenciam em ambientes externos. Assim, o enfrentamento da violência prediz um conjunto de propostas articuladas e contínuas, formuladas para atuar na reversão dos efeitos das agressões. Objetivo: Descrever estratégias de enfrentamento no ambiente escolar à violência infantojuvenil, formuladas por gestores de escolas públicas e docentes. Metodologia: Este é um relato de experiência elaborado a partir do projeto: “Violência infantojuvenil: perspectivas e atualidades” desenvolvido na cidade de Chaval-CE de abril a junho de 2019. O referido projeto teve como participantes, os profissionais da rede de educação, atenção e apoio a crianças e adolescentes por meio da educação continuada. Resultados: As atividades desenvolvidas no

FORMAÇÃO CONTINUADA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR À VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL

projeto de extensão como um todo promoveram o diálogo entre os participantes dos mais diversos setores presentes, mas a formulação de estratégias de enfrentamento a serem implementadas no cotidiano escolar favoreceram uma discussão de maneira construtiva e direcionada para a criação de propostas, além de estimularem o (re)pensar e (re)planejar as práticas laborais. Conclusão: Dessa forma é possível concluir que a formação continuada, desenvolvida neste relato por meio de oficinas e palestras, se mostrou efetiva na promoção do diálogo entre pares, esclarecimento de dúvidas mais recorrentes e problematização de questões sensíveis que acabam por se tornar comuns e sem resolução no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação. Violência. Formação Continuada.

ABSTRACT

Introduction: The school is the space where the teaching-learning process develops and is considered a protected space from the aggressions experienced in the family environment, but it is also in the school that children and adolescents tend to reproduce the violent acts that they experience outdoors. Thus, the confrontation of violence predicts a set of articulated and continuous proposals, formulated to act in reversing the effects of aggressions. Objective: To describe coping strategies in the school environment to child and youth violence, formulated by public school managers and teachers. Methodology: This is an experience report elaborated from the project: "child and youth violence: perspectives and current affairs" developed in the city of Chaval-CE from April to June 2019. The participants of this project were professionals from the education network, attention and support to children and adolescents through continuing education. Results: The activities carried out in the extension project as a whole promoted dialogue between participants from the most diverse sectors present, but the formulation of coping strategies to be implemented in the school daily favored a discussion in a constructive and directed manner for the creation of proposals. , besides stimulating (re) thinking and (re) planning work practices. Conclusion: Thus, it is possible to conclude that continuing education, developed in this report through workshops and lectures, was effective in promoting peer dialogue, solving more recurrent doubts and problematizing that sensitive issues that eventually become common and without resolution in the school environment.

Keywords: Education. Violence. Continuing Education.

INTRODUÇÃO

A violência contra o público infantojuvenil é um problema grave e tem apresentado estatísticas crescentes, sendo a primeira causa de mortalidade entre crianças e adolescentes, além das demais repercussões físicas, emocionais e cognitivas que pode acarretar (HILDEBRAND, 2019).

Geralmente a natureza dos atos violentos pode ser reconhecida em quatro modalidades de expressão, também denominadas de abusos ou maus-tratos: física, psicológica, sexual e que envolve a negligência, abandono ou privação de cuidados (MINAYO, 2006). Violência física é entendida como o uso intencional de força física que resulte ou possa resultar em danos à saúde, ao desenvolvimento e à dignidade da vítima (WHO, 2006).

A categoria abuso psicológico nomeia agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir-lhe a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social (MINAYO, 2006). Já o abuso sexual ou violência sexual inclui intimidação de natureza

sexual, assédio sexual, contato corporal indesejado, coerção sexual e estupro, e afeta meninas e meninos (UNESCO, 2019). As negligências, abandonos e privação de cuidados são formas de violência caracterizadas pela ausência, recusa ou a deserção do atendimento necessário a alguém que deveria receber atenção e cuidados (MINAYO, 2006).

Dentro deste contexto das tipologias da violência, encontram-se também três amplas categorias: violência autodirigida/autoinfligida; violência interpessoal e a violência coletiva. Violência autoinfligida é subdividida em comportamento suicida e agressão autoinfligida. O primeiro inclui pensamentos suicidas, tentativas de suicídio. A autoagressão inclui atos como a automutilação.

Violência interpessoal divide-se em duas subcategorias: 1) violência de família e de parceiros íntimos, isto é, violência principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente nos lares, o que inclui abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus tratos de idosos; 2) violência na comunidade, violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem, inclui violência da juventude, atos variados de violência, estupro, violências em instituições de trabalho, prisões e asilos (DAHLBERG; KRUG, 2006).

No que se refere ao *bullying*, um tipo de violência comunitária, esse pode ser definido como um padrão de comportamento agressivo, representado pelo desequilíbrio real ou percebido de poder, pela intenção e pela repetição das atitudes agressivas (UNESCO, 2019; OLWEUS, 2013).

Já a violência coletiva acha-se subdividida em violência social, política e econômica. Diferentemente das outras duas grandes categorias, as subcategorias da violência coletiva sugerem possíveis motivos para a violência cometida por grandes grupos ou por países (DAHLBERG; KRUG, 2006).

No entanto, entre os estudos que discorrem sobre da violência infantojuvenil, as agressões físicas e sexuais são as mais citadas, tendo em vista os sinais que apresentam. Quanto ao lugar, os ambientes familiar e escolar apresentam as maiores frequências de notificação descritas pela literatura (HILDEBRAND *et al.*, 2015).

Neste sentido, a escola é o espaço onde se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem e é tido como contexto para a proteção das agressões vivenciadas em ambiente familiar, mas também é nele que as crianças e adolescentes tendem a reproduzir os atos violentos que vivenciam em ambientes externos. Esta situação dificulta a aproximação dos pares, o convívio social e o próprio processo de aprendizagem, refletindo seus efeitos no desempenho escolar (SILVA, 2018).

No contexto escolar, o professor detém papel relevante na formação e avaliação constante dos escolares dado o tempo de convivência em sala de aula. Frente a isso, é primordial reconhecer a sua contribuição diante das situações de violência dentro ou fora do ambiente escolar. Deste modo, a formação continuada atua no auxílio à identificação e no manejo dos casos suspeitos ou reconhecidos que podem melhorar a atuação dos professores diante dos danos causados pela violência (GARBIN *et al.*, 2015).

A fragilidade na formação inicial pode dificultar a identificação dos casos de violência infanto-juvenil, o que contribui para a subestimação dos casos. A partir de ações de qualificação, a consciência docente sobre esta problemática tem mudado e estimulado a criação de medidas legais de proteção às vítimas e promoção da cultura de paz (CEZAR; ARPINI; GOETZ, 2017; HILDEBRAND *et al.*, 2019).

Assim, o enfrentamento da violência prediz um conjunto de propostas articuladas e contínuas, formuladas para atuar na reversão dos efeitos das agressões. Dentre as plausíveis

FORMAÇÃO CONTINUADA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR À VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL

estratégias de intervenção estão: o acolhimento das vítimas; tratamento de possíveis sinais e sintomas decorrentes das agressões vivenciadas; a promoção de comportamentos protetores e de prevenção; ativação da rede de apoio; incentivo à notificação e investimento no fortalecimento da rede de assistência. No entanto, estas estratégias em geral são planejadas por estudiosos que nem sempre têm a oportunidade de estarem inseridos no ambiente onde as atividades serão desenvolvidas (DESLANDES; MENDES; PINTO, 2015).

Desta forma, frente à necessidade de identificar propostas exequíveis, construídas por profissionais imersos no contexto escolar e baseadas nas práticas já desenvolvidas durante a rotina docente, o presente artigo tem o objetivo de descrever estratégias de enfrentamento no ambiente escolar à violência infantojuvenil, formuladas por gestores de escolas públicas e docentes.

METODOLOGIA

Este é um relato de experiência elaborado a partir do projeto: “Violência infantojuvenil: perspectivas e atualidades” desenvolvido na cidade de Chaval-CE nos meses de abril a junho de 2019. O referido projeto teve como objetivo qualificar profissionais da rede de educação, atenção e apoio a crianças e adolescentes por meio da educação continuada. Segundo Lopes (2012), o relato de experiência pertence ao domínio social que, faz parte das experiências humanas, devendo conter tanto impressões observadas quanto conjecturadas. Este tipo de estudo é importante para a descrição de uma vivência particular de tal forma que suscita reflexões novas sobre um fenômeno específico.

O público que participou dos encontros do projeto foi referente: os profissionais da gestão escolar municipal-secretaria municipal de educação, diretores e professores das escolas públicas das zonas rural e urbana de Chaval-CE e representantes do Centro de Referência da Assistência Social-CRAS e conselho tutelar que tinham contato com crianças e adolescentes durante suas atividades laborais, o que totalizou 85 participantes.

Os encontros que decorreram de abril a junho de 2019 foram realizados no Auditório da Secretaria Municipal de Educação de Chaval, nos turnos manhã e tarde. Os encontros foram compostos por 03 ciclos de palestras e oficinas práticas sobre as diversas tipologias de violência contra crianças e adolescentes. Dentre os temas abordados: violência sexual, sentimento de insegurança na escola, violência familiar, violência autoinfligida, mediação de conflitos, mal-estar docente, *bullying*, violência nos discursos midiáticos, entre outros, conforme quadro 01. Como ministrantes das palestras e oficinas, o projeto contou com fisioterapeutas, psicólogos, assistente social, advogada, acadêmicos de letras e nutrição e educador físico, todos membros e/ou colaboradores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade (NIPSEC) da Universidade Federal do Piauí-UFPI, que possui como um de seus focos os estudos sobre violência e prioriza a diversidade de saberes e óticas sobre a violência como tema central.

Quadro 1 - Principais pontos abordados no evento Violência familiar infantojuvenil: Perspectivas e atualidades, Chaval-CE, 2019.

| Data | Palestra | Oficina | Mediadores |
|---------------------|---|--|--|
| 10/04/19 e 11/04/19 | Violência sexual entre adolescentes | Dinâmica da violência sexual | Fisioterapeuta Mestre em Saúde e Comunidade |
| 10/04/19 e 11/04/19 | Sensação de insegurança na escola | Violência e convivência escolar | Educador Físico Mestre em Saúde e Comunidade |
| 10/04/19 e 11/04/19 | Violência autoinfligida | Automutilação em ambiente escolar | Assistente Social Mestranda em Saúde e Comunidade |
| 10/04/19 e 11/04/19 | Violência escolar | Práticas participativas na abordagem da violência contra crianças e adolescentes | Fisioterapeuta Mestranda em Saúde e Comunidade |
| 10/04/19 e 11/04/19 | Discursos midiáticos e violência | Leitura e análise do discurso midiática | Graduando em nutrição |
| 15/05/19 e 16/05/19 | <i>Bullying</i> e suas implicações no ambiente escolar | <i>Bullying</i> : Construindo estratégias para lidar com a violência entre pares no ambiente escolar | Psicóloga Mestranda em Saúde e Comunidade |
| 15/05/19 e 16/05/19 | A mediação como estratégia na resolução de conflitos em ambiente escolar | A mediação de conflitos como ferramenta pedagógica na sala de aula | Advogada Mestranda em Linguística |
| 15/05/19 e 16/05/19 | Violência familiar infantojuvenil e o fracasso escolar | Conversando sobre violência familiar: um diálogo necessário! | Fisioterapeuta Mestranda em Saúde e Comunidade |
| 05/06/19 | Mal estar docente: vulnerabilidades ao adoecimento e estratégias de enfrentamento | Mal estar docente | Psicólogo Mestre em Saúde e Comunidade |
| 05/06/19 | | Violência social e escolar frente à construção do caráter de adolescentes do sexo feminino | Graduanda em Letras |
| 05/06/19 | Interdisciplinaridade, subjetividade e formação de professores | | Psicólogo Doutor em Letras e em Psicologia |

Fonte: Elaborado pelos autores.

As propostas de enfrentamento à violência infantojuvenil no ambiente escolar foram construídas no último encontro do projeto como forma de produto final dos momentos teórico-práticos desenvolvidos. No último encontro foi solicitado que os participantes se dividissem por nível de ensino, de modo que foram: dois grupos da educação infantil, dois grupos do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e um grupo com professores junto a outros profissionais representando o ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

FORMAÇÃO CONTINUADA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR À VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL

Os cinco grupos sortearam uma tipologia de violência dentre as que já haviam sido abordadas para que, a partir desta, elaborassem uma proposta prática de enfrentamento que seria apresentada aos demais participantes e para ser desenvolvida em seus locais de trabalho. Os temas escolhidos foram: violência sexual, psicológica, familiar, violência autoinfligida e *bullying*, todos os participantes tiveram à disposição, materiais pedagógicos tais como: pincéis atômicos e papel madeira para transcrever as ideias e apresentá-las em 15 minutos.

Logo após as apresentações foram disponibilizados alguns minutos para questionamentos quanto à possibilidade de execução, sugestões e compartilhamento de experiências. Durante estes momentos, a devolutiva dos participantes foi, de maneira geral, positiva quanto à possibilidade de implementar as temáticas ao longo do ano letivo.

Por se tratar de um relato de experiência que garante o anonimato dos participantes bem como de suas informações pessoais, este trabalho dispensa a submissão para apreciação pelo comitê de ética e pesquisa.

RESULTADOS

As atividades desenvolvidas no projeto de extensão como um todo promoveram o diálogo entre os profissionais da gestão escolar municipal-secretaria municipal de educação, diretores e professores das escolas públicas das zonas rural e urbana de Chaval-CE e representantes do Centro de Referência da Assistência Social-CRAS e conselho tutelar.

Todavia, a formulação de estratégias de enfrentamento que podem ser implementadas no cotidiano escolar favoreceu uma discussão de maneira construtiva e direcionada para a criação de propostas. Nesse sentido, a teoria da problematização se fez efetiva ao estimular a busca por soluções em meio a questões e situações complexas já existentes no espaço laboral de cada um.

Como resultado relevante também é possível citar o estímulo para o profissional (re)pensar sua prática, principalmente diante de casos suspeitos ou confirmados de violência infantojuvenil. Além disso, ao propor que cada profissional discutisse em grupo alguma estratégia exequível a ser posta em prática, foi verificada a ação de (re)planejar a rotina de trabalho de cada participante com inserção de um momento específico para desenvolver as propostas de enfrentamento à violência, do infantil ao fundamental II.

A ordem de apresentação foi sorteada entre os cinco grupos presentes para que as propostas fossem discutidas com os demais. O primeiro grupo representou a educação infantil e sorteu a violência sexual como tema. A ação formulada foi intitulada “Defenda-se” e seria composta por exibição de vídeos educativos para as crianças pequenas na sala de atividades, roda de conversa e contação de histórias. Entre as atividades, foi proposta ainda a construção de um mural dos “combinados” de autodefesa que consistia em acordar com as crianças pequenas, formas de defesa contra a violência sexual. Os pais e responsáveis seriam contemplados pela ação por meio de uma palestra educativa mediada pelos professores, gestores e outros convidados, com a finalidade de abordar a prevenção de agressões sexuais.

O outro grupo composto por professores da educação infantil expôs sua proposta de ação denominada “como combater o *bullying*”, uma vez que o *bullying* foi o tema sorteado. As estratégias de enfrentamento a serem desenvolvidas na escola foram palestras e reuniões com os pais visando sua discussão. Além disto, seriam oferecidas oficinas de desenho, teatro e músicas para os alunos que também assistiriam vídeos educativos, em que o *bullying* seria abordado. A comunidade

também seria contemplada com a distribuição de panfletos e a exposição de cartazes produzidos pelas crianças pequenas e professores dos centros de educação infantil ou creches sobre os assuntos discutidos.

Um dos grupos que representou o ensino fundamental I sorteou a violência familiar como tema e formulou a ação “Dia D da família na escola” que contemplou atividades pensadas para receber essa instituição no ambiente escolar. Inicialmente seria servido um lanche para o acolhimento. Logo após, convidados ministrariam palestras sobre as agressões dentro do ambiente familiar, os efeitos destas e a importância da construção e fortalecimento do vínculo entre pais e filhos. O dia encerraria com atividades lúdicas no formato de gincana sobre a violência familiar, por meio de provas com pontuações. Os professores, núcleo gestor e profissionais da área seriam responsáveis pelas atividades.

O outro grupo de profissionais que trabalham no ensino fundamental I apresentou a ação “Cada vida importa” baseada na proposta para o enfrentamento escolar à violência autoinfligida. As atividades desta ação consistiriam no diagnóstico situacional entre os escolares sobre casos que envolvem esse tema e a partir das informações coletadas. Os professores e núcleo gestor realizariam o planejamento e organização de datas para o desenvolvimento de uma campanha escolar sobre a violência autoinfligida. Seria realizado um fórum com a presença de pais e responsáveis para a discussão deste tema, que teria palestras com profissionais da rede. E também o Dia “D” que consistiria em executar atividades sobre o tema durante o dia inteiro com a participação dos escolares.

A proposta apresentada pelos profissionais do ensino fundamental II foi voltada para a violência psicológica e intitulada “Prevenir transtornos psicológicos no ambiente escolar”. As atividades desta ação seriam compostas pelo acolhimento, escuta qualificada realizados por profissionais do CRAS e Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) e, se necessário, encaminhamento das crianças e adolescentes vítimas para outras especialidades como assistentes sociais e psicólogos da rede de apoio.

DISCUSSÃO

Tão desafiador quanto gerar avanços na aprendizagem escolar, é possibilitar dentro da escola a criação e implementação de estratégias para que possam lidar com os diversos tipos de violência infantojuvenil, sejam elas provenientes do ambiente familiar, escolar ou não, tais como: violência sexual, psicológica, familiar, autoinfligida e *bullying*. Embora, seja trabalhoso, não é algo impossível de acontecer, com persistência, diálogo, abertura de espaços, as ações podem ser concretizadas.

Alguns autores corroboram com a proposta de fortalecer a comunicação entre pares, principalmente no que se refere à prevenção e intervenção nos casos de violência no ambiente escolar. Assim é imprescindível intervir de forma ativa e não apenas reativa, melhorando o diálogo entre corpo docente, corpo discente, pais e comunidade, além de fortalecer a relação professor-aluno (BELEZA, 2011), uma vez que, pelo diálogo, os seres humanos podem se reconstituir permanentemente (SANTOS; RODRIGUES, 2013).

Tognetta *et al.* (2010) propõem a construção de uma escola plenamente fundada no diálogo, sem punições autoritárias, impostas pelo uso da força hierárquica, mas sim, um ambiente em que todos os sujeitos escolares tenham voz e possam contribuir, seja no processo ensino-aprendizagem

FORMAÇÃO CONTINUADA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR À VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL

ou na solução de problemas. Em concomitante, o presente relato fomentou a utilização da teoria da problematização na perspectiva de identificar situações críticas que envolvessem casos de violência, para que no coletivo, ações fossem sugeridas de modo a priorizar o lugar de voz de cada ator envolvido.

Nesse contexto, o ambiente escolar torna-se um espaço essencial para o desenvolvimento da Cultura de Paz, incluindo-se aí a educação para a solução pacífica dos conflitos (BELEZA, 2011). A necessidade de fomentar a convivência, pela gestão positiva das relações interpessoais e dos conflitos, tornou-se uma prioridade da escola. Esta dimensão social assume-se também como uma questão educativa, pedagógica e organizacional (COSTA, 2010; TOGNETTA, 2019).

No que se refere às ações práticas para o desenvolvimento de estratégias para lidar com a violência infanto-juvenil no ambiente escolar, pode-se citar o exemplo das assembleias envolvendo pais, alunos e docentes, a criação de um grêmio estudantil, o desenvolvimento de campanhas de conscientização ou mesmo a manifestação pública em redes sociais são algumas possibilidades que permitem ao aluno participar ativamente de ações de combate à violência (IAVELBERG, 2012).

Neste relato de experiência é possível identificar que os participantes assimilaram a ideia de completude das ações a partir do momento em que é proposto incorporar toda a escola nos momentos de dinâmica ou discussões a serem inseridas em calendário pedagógico. No tocante as estratégias para lidar com o *bullying*, uma revisão sistemática realizada por Silva *et al.* (2017) concluiu que as intervenções multidimensionais envolvendo toda a escola obtém melhores resultados se comparados com as intervenções que focam em um único aspecto do *bullying*, indicando que intervenções mais abrangentes são mais eficazes.

Somando-se a isto, a eficácia do combate ao *bullying* e demais problemas nas relações entre pares está em organizar na escola redes de apoio em que os próprios alunos sejam formados para ajudar na amenização destas dificuldades (TOGNETTA, 2019). Portanto, para implementar ações e programas de prevenção ao *bullying* (*anti-bullying*) no ambiente escolar é essencial que haja a colaboração e participação dos pais, docentes, alunos, gestão escolar e a comunidade como foi proposto pelos participantes desta experiência.

As metodologias ativas, como estratégias de interação e discussão lúdica de temas, têm demonstrado sua efetividade ao facilitar a compreensão e a busca por resolução de problemas. Segundo Annunziato (2019), existem diversas ações que podem ser implantadas para lidar com a violência, e promover uma cultura de paz no ambiente escolar, destarte, é necessário um estudo do problema. Dentre as ações cabe possibilitar metodologias ativas em que os alunos possam discutir, experimentem, e tornem-se engajados. Além disso, garantir espaços na agenda escolar para o desenvolvimento de assembleias, rodas de conversas para se discutir os problemas e a utilização da comunicação não violenta, como forma de auxiliar os alunos e docentes a expressar de modo sincero e adequado os sentimentos e necessidades.

Um exemplo de projeto implementado pelo ministério da educação com objetivo de favorecer práticas educativas de enfrentamento à violência e proteção das crianças e adolescentes é o “Escola que protege” que expressa em seu escopo a transição histórica das agressões contra o público infantojuvenil somado a propostas práticas para a reversão destes casos (BRASIL, 2008).

Por fim, ressalta-se que para elaborar mecanismos que sejam eficazes no enfrentamento da violência infanto-juvenil é necessário realizar um diagnóstico situacional dos problemas existentes na escola que diz respeito à violência, possibilitar a abertura de espaços à participação das crianças/adolescentes na gestão escolar, proporcionar a formação de educadores na mediação

de conflitos, viabilizar a realização de educação continuada para docentes no que se refere aos aspectos sobre a Cultura de Paz, além de implantar espaços de diálogo sobre as qualidades das relações e os problemas de convivências em que a comunidade escolar possa dialogar e propor maneiras não violentas de resolvê-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os desafios diários que surgem no ambiente escolar, a violência detém especificidades próprias do tema e das situações sensíveis que envolvem. Com isto, torna-se necessário o desenvolvimento de estratégias práticas de enfrentamento baseadas na realidade vivenciada para garantir a efetividade nos resultados. Outro aspecto relevante é a inclusão ativa dos atores que constituem verdadeiramente o ambiente escolar, sejam estes: docentes, discentes, gestão e demais profissionais, além dos familiares que são convidados a estreitar a relação escola-família.

Desta forma, o presente relato descreveu propostas elaboradas por profissionais que diariamente se deparam com dúvidas acerca da abordagem e manejo dos casos de violência envolvendo a escola. A partir das dificuldades citadas e dos questionamentos coletivos foram desenvolvidas as estratégias que apresentam como fatores potenciais: diagnóstico prévio por meio do exercício laboral, vivências anteriores acerca da temática, capacitação quanto à identificação e possíveis meios de resolução dos casos e o contato frequente com as crianças e adolescentes vitimizados.

A formação continuada desenvolvida por meio de oficinas e palestras se mostrou efetiva na promoção do diálogo entre pares, esclarecimento de dúvidas mais recorrentes e problematização de questões sensíveis que se tornam comuns e sem solução no ambiente escolar. O professor é um mediador nos conflitos dentro de sala de aula também a capacidade de elaborar propostas exequíveis, dada a sua experiência no manejo das relações interpessoais entre os alunos em situações corriqueiras no espaço escolar.

Assim, é perceptível que a violência é um tema com inúmeros fatores associados e que demanda abordagens diversas, que dependem do público afetado, das tipologias das agressões e do ambiente onde as intervenções são desenvolvidas. Contudo, vale ressaltar que o presente relato de experiência propôs a construção de propostas de enfrentamento exequíveis e efetivas, baseadas em diagnóstico situacional, com possibilidades das propostas elaboradas pelos participantes serem efetivadas em prol da prevenção e combate da violência em escolas.

Conflito de Interesses

Os autores declaram que não foram omitidas quaisquer ligações a órgãos de financiamento, bem como a instituições comerciais ou políticas. Do mesmo modo, declaram não haver quaisquer conflitos de interesse com o resultado nele apresentado.

Referências

ANNUNCIATO, P. 6 estratégias para promover a paz nas escolas. **Nova Escola**, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17133/6-estrategias-para-promover-a-paznas-escola>. Acesso em: 18 maio 2020.

**FORMAÇÃO CONTINUADA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO
NO AMBIENTE ESCOLAR À VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL**

BELEZA, F. T. Estudar em paz: mediação de conflitos no contexto escolar. **Revista Participação**, v. 20, p. 52-59, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3660/6/2011_DaniellaOvidioFurtado.pdf
Acesso em: 19 maio 2020.

BRASIL. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes, 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.

CEZAR, P. K.; ARPINI, D. M.; GOETZ, E. R. Registros de notificação compulsória de violência envolvendo crianças e adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37 n. 2, p. 432-445, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n2/1982-3703-pcp-37-2-0432.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

COSTA, E. P. Novos espaços de intervenção: a mediação de conflitos em contexto escolar. *In*: VASCONCELOS-SOUSA, J. (coord.), **Mediação e criação de consensos**: os novos instrumentos de empoderamento do cidadão na União Europeia. Coimbra: Mediarcom/Minerva, 2010, p. 155-166.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163-1178, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

DESLANDES, S.; MENDES, C. H. F.; PINTO, L. W. Proposição de um índice do enfrentamento governamental à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 8, p. 1709-1720, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v31n8/0102-311X-csp-31-8-1709.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

GARBIN, C. A. S. *et al.* Conhecimento e percepção dos educadores do ensino infantil sobre violência. **Revista Ciência Plural**, v. 1, n. 2, p. 37-47, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/7614/5656>. Acesso em: 19 maio 2020.

HILDEBRAND, N. A.; CELERI, E. H. R. V.; MORCILLO, A. M.; ZANOLLI, M. L. Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, p. 17, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/154104>. Acesso em: 19 maio 2020.

HILDEBRAND, N. A.; CELERI, E. H. R. V.; MORCILLO, A. M.; ZANOLLI, M. L. Violência Doméstica e Risco para Problemas de Saúde Mental em Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 2, p. 213-221, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v28n2/0102-7972-prc-28-02-00213.pdf> Acesso em: 19 maio 2020.

IABELBERG, C. Violência na escola. **Gestão Escolar**, 2012. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/317/violenciana- escola>. Acesso em: 18 maio 2020.

LOPES, M. V. O. Sobre estudos de casos e relatos de experiências. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 13, n. 4, p. 1-2, 2012.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. (Temas em Saúde Collection). Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 9, p. 751-780, 2013. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>. Acesso em: 19 maio 2020.

SANTOS, J. M. C. T.; RODRIGUES, P. J. M. O diálogo como possibilidade de mediação da violência na escola. **Práxis Educativa**, v. 8, n. 1, p. 273-294, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272859334_O_diálogo_como_posibilidade_de_mediacao_da_violencia_na_escola. Acesso em: 19 maio 2020.

SILVA, C. G. S. A violência doméstica e sua influência na aprendizagem: um estudo exploratório no centro de integração familiar (ceifar). **Revista Tarrafa**, p. 96-106. Disponível em: <http://www.uneb.br/tarrafa/files/2012/10/a-viol%c3%aancia-dom%c3%a9stica-e-sua-influ%c3%aancia-na-aprendizagem.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

SILVA, J. L. *et al.* Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n. 7, p. 2329-2340, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n7/1413-8123-csc-22-07-2329.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

TOGNETTA, L. R. P. Bullying e violência na escola: implantação de Equipes de Ajuda traz bons resultados. **Nova Escola**, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18112/bullying-e-violencia-na-escolaimplantacao-de-equipes-de-ajuda-traz-bons-resultados>. Acesso em: 31 jul. 2019.

TOGNETTA, L. R. P. *et al.* Um panorama geral da violência na escola e o que se faz para combatê-la. **Mercado de Letras**, v. 1, 2010.

UNESCO. **Behind the numbers: Ending school violence and bullying**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2019. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/366483eng.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

WHO. World Health Organization. **Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence**. France, 2006. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43499/9241594365_eng.pdf;jsessionid=03D6AD59126D1948B0E80776FB5049A3?sequence=1. Acesso em: 19 maio 2020.